

NOTTA
EDITORIAL
NOTTA DOO EDITTOR
EDITOR'S NOTE

MEMÓRIA E DESTINO DA PSICANÁLISE NA AMÉRICA LATINA

MEMORIA Y DESTINO
DEL PSICOANÁLISIS EN AMÉRICA LATINA

MEMORY AND FATE
OF PSYCHOANALYSIS IN LATIN AMERICA

Marcelo Lubisco Leães
Presidente do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto
Alegre Ex-delegado do CEPdePA na FLAPPSIP
ORCID: 0009-0009-8277-116X
Correio eletrônico: marcelolubiscoleaes@gmail.com

Data de Recebimento: 11-11-2024
Data de Aceitação: 08-03-2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Lubisco Leães M. (2025) MEMÓRIA E DESTINO DA PSICANÁLISE NA AMÉRICA LATINA

Apresentado na Jornada Científica do CEPdePA na mesa homônima

Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.1

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

MEMÓRIA E DESTINO DA PSICANÁLISE NA AMÉRICA LATINA

Apresentado na Jornada Científica do CEPdePA na mesa homônima

Marcelo Lubisco Leães

Presidente del Centro de Estudios
Psicoanalíticos de Porto Alegre. Ex
delegado de CEPdePA ante FLAPPSIP

É com muita alegria e responsabilidade que compartilho com os colegas latinoamericanos considerações que tive a oportunidade de expor na recente Jornada Científica do CEPdePA/Serra, evento da maior importância para nossa instituição, discutindo temas que me despertam profundo interesse: Psicanálise, América Latina, Memória e Destino.

Dois conceitos centrais guiam nossa reflexão: Memória e Destino. É possível falar sobre o destino da psicanálise ou estamos aqui para forjar um presente que contemple a singularidade e algo comum às instituições psicanalíticas e aos psicanalistas?

Prefiro pensar que devemos construir um caminho possível para a psicanálise no presente, e acredito que, através da memória — avessa à lógica da repetição compulsiva e mortífera —, podemos avançar da melhor maneira possível.

Quanto à função de delegado da FLAPPSIP (Federação Latino-Americana de Psicoterapias Psicanalíticas e Psicanálise), junto a colega Paula Triches, temos nos dedicado a cumprir os objetivos da federação: promover o intercâmbio psicanalítico, a pesquisa e a difusão da psicanálise.

A FLAPPSIP nasceu do desejo de diversas associações psicanalíticas latino-americanas de discutir, trocar e analisar suas problemáticas, tendo como ponto comum a psicanálise com ênfase na teoria e prática clínica. Outra convergência promovida é o aprofundamento da relação entre a clínica e o social, refletindo sobre o movimento inaugurado por Freud ao posicionar o sujeito em relação ao sintoma e ao mal-estar na cultura.

O Simpósio Clínico da FLAPPSIP de 14 de setembro de 2024 discutiu a clínica do desamparo nos tempos atuais, temática que coincidiu com a recente tragédia climática das enchentes que devastou o território em que vivemos no Rio Grande do Sul e que tem se repetido em toda a América Latina. O Simpósio Clínico, com 500 inscritos, abordou novas sintomatologias dos tempos atuais.

O desafio atual da FLAPPSIP é acompanhar as transformações e encontrar modos de intervenção adequados para esses novos tipos de sofrimento e mal-estar na cultura. Um dos principais temas é a exclusão social, consequência grave do sistema regido pelo mercado. Questionamo-nos sobre como nos posicionar diante dos sujeitos excluídos e marginalizados e como reintroduzir suas vozes no discurso público.

Para tanto, gostaria de abordar três pontos de profundo interesse, que possuem intersecções e participam na formação de sintomas no sujeito contemporâneo: desequilíbrio climático, obesidade e os ataques ao Estado Democrático de Direito na América Latina.

Desequilíbrio Climático

Os eventos climáticos revelam profundas desigualdades. Na América Latina, inundações, secas severas e ondas de calor sem precedentes afetam principalmente populações vulneráveis. A recente tragédia no Rio Grande do Sul evidenciou o abismo social e a precarização das condições de vida. No consultório e no hospital onde atuo, testemunhei o impacto traumático desses eventos, especialmente em pessoas de classe social vulnerável.

Observamos que é necessário ocorrer algo de grande magnitude para que a solidariedade seja mobilizada. Há uma tendência à negação e minimização dos riscos, vivendo sob o princípio do prazer e ignorando demandas urgentes. Freud, em "O Mal-Estar na Cultura", aponta que a civilização requer renúncias instintuais para que a vida em comunidade seja possível, e que o desmoronamento pode ocorrer com facilidade.

O problema climático é conhecido há décadas, mas há falta de memória e compromisso com as evidências científicas sobre o impacto da ação humana no meio ambiente. A psicanálise precisa se ocupar dessa questão mais firmemente.

Obesidade

Outro ponto crucial é a obesidade, cujas mortes e problemas associados requerem novas abordagens e práticas mais efetivas. Nos últimos 50 anos, a prevalência de obesidade quase triplicou no mundo. A América Latina enfrenta desafios significativos, com previsões de que, em 2035, mais da metade da população estará com sobrepeso ou obesidade.

A psicanálise tem se ocupado do sofrimento psíquico ligado à obesidade, especialmente a gordofobia, que impacta muitas vidas. Contudo, é necessário ir além e considerar que a obesidade é um quadro sistêmico, global, relacionado ao processo de industrialização e ao processamento dos alimentos.

Grandes conglomerados controlam o mercado global de alimentos, introduzindo alimentos ultraprocessados com forte componente aditivo e impacto biológico-endócrino. Esses alimentos funcionam como ferramentas que inclinam o sujeito ao não-pensar, promovendo um curto-circuito no campo do pensamento e tornando-o propenso a recorrer a essas substâncias para apaziguar estados de ansiedade ou angústia.

Estudos recentes apontam determinantes sistêmicos da obesidade na América Latina, como exposição a produtos químicos, mudanças climáticas, desmatamento, urbanização, ampla disponibilidade de alimentos ultraprocessados, interesses econômicos que influenciam políticas públicas, desigualdades sociais, educacionais, de gênero e de ancestralidade.

É evidente a intersecção nefasta entre cultura, poder político e econômico, e a importância de políticas públicas para a saúde da população. Esses fatores aparecem nos consultórios e hospitais, evidenciando a necessidade de a psicanálise se posicionar diante dessa realidade.

Fragilidade do Estado Democrático de Direito e o Laço Social

O último ponto é a crise de representatividade que assola a América Latina. No Peru, país que atualmente preside a FLAPPSIP, há um cenário de fragmentação e agitação social e política, com forte debilidade institucional com forte influência de grupos econômicos ligados a práticas de corrupção no poder público.

No Brasil, há uma memória histórica apagada, com anistias que promoveram impunidade. A busca por anistiar os envolvidos na tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023 sob o pretexto de reconciliação nacional ameaça enfraquecer a Constituição e a aplicação da lei.

A compulsão à repetição se manifesta em formas de violência de classe, racismo, misoginia, xenofobia e negação das evidências científicas. Essas trevas do nosso tempo evidenciam a primazia do Eu e o desprezo pelo Outro, colocando em risco o pacto social.

Há um aumento do individualismo e crises de ansiedade, com ataques ao exercício da lei e a lógica do “cada um por si”. A supervalorização da performance leva os sujeitos ao limite, com dificuldade de nomear e elaborar o sofrimento, impedindo a elaboração da experiência emocional e resultando em passagens ao ato destrutivas.

Avançamos no compromisso de uma transformação social que garanta igualdade de direitos, implicando em uma posição ética de reconhecimento do outro e da nossa história. É fundamental questionarmos qual é o nosso papel na sensibilização e intervenção diante das trevas do nosso tempo e como articular a dimensão social e política em nossa prática clínica sem perder de vista a singularidade do sujeito.

Nos dias atuais, o processo civilizatório está ameaçado. Precisamos entender melhor e agir sobre o que está acontecendo com o clima, o padecimento do corpo e o processo político no debate público. É necessário revisitar a história que escrevemos e criar novas memórias para pensar um futuro possível.

A presente Revista, dentro do seu marco editorial e com as medidas tomadas por sua coordenação e por todos os participantes ativos, está agora ainda mais acessível a um número maior de pessoas. Acredito que, dessa forma, estaremos na direção de um caminho possível para uma psicanálise que revisita sua memória e cria um espaço amplo de diálogo entre todos nós, unidos por este traço da América Latina.